

“SERÁ QUE VAI APARECER UM BOY NA SUA VIDA?”: ANÁLISE LINGUÍSTICA DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA ADOLESCENTES

“Will a boy appear in your life?”: linguistic analysis of self-help discourse for teenagers

Cláuberson Correa CARVALHO¹

Marize Barros Rocha ARANHA²

Resumo: Este artigo pretende analisar o discurso de autoajuda para adolescentes sob uma perspectiva linguística. Ancorou-se em estudos da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente na perspectiva enunciativa-discursiva desenvolvida por Dominique Maingueneau (2008b, 2008c, 2013). Examinou-se como as manobras linguísticas desse discurso promovem efeitos de sentidos estratégicos para os sujeitos da enunciação. Para tanto, selecionaram-se aleatoriamente como *corpus* três edições publicadas pela revista *Capricho* entre janeiro e março de 2015. A análise focalizou seções cuja cenografia é claramente de autoajuda: comportamento, horóscopo, sexo, moda, beleza. Os resultados apontam que o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes reclama efeitos de autoridade, na manifestação de certeza e verdade que caracteriza o seu domínio, e de espontaneidade, em busca de envolvimento.

Palavras-chave | *Ethos*. Discurso. Autoajuda.

Abstract: This paper intends to analyze the self-help discourse to teenagers in a linguistic perspective. We are based on studies of the French School of Discourse Analysis, specifically in the enunciative-discursive perspective developed by Dominique Maingueneau (2008b, 2008c, 2013). The idea is to examine how the linguistic maneuvers of this discourse promote strategic effects between enunciator and enunciatee. We selected as corpus three editions published by the magazine *Capricho* between January and March 2015. The analysis shows that the ethos of the self-help discourse to teenagers indicates effects of authority, in the manifestation of certainty and truth, which characterizes its domain, and of spontaneity, in search of engagement.

Keywords | Ethos. Discourse. Self-help.

¹ Carvalho. Universidade CEUMA. Endereço eletrônico: claubersoncc@gmail.com

² Aranha. UFMA. Endereço eletrônico: aranha.marize@gmail.com

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

Introdução

Neste artigo, pretendemos analisar o discurso de autoajuda para adolescentes sob uma perspectiva linguística. Tomamos a língua como nosso ponto de interpretação. Focalizamos os registros linguísticos como gestos de enunciadore localizados num contexto situacional definido, com orientações também definidas.

Quando estabelecemos um olhar linguístico sobre o discurso de autoajuda para adolescentes, não estamos isolando as formas linguísticas, muito menos descrevendo o funcionamento de formas abstratas. Pelo contrário: analisamos enunciados recortados de um regime discursivo definido: o discurso de autoajuda destinado a enunciatários adolescentes. Consideramos que o analista do discurso não trabalha com exemplos abstratos, mas com realizações funcionais de determinado discurso; é a língua em funcionamento. Trata-se, portanto, de conceber que toda forma de língua constitui sentido e modela o sentido por conta de suas próprias particularidades.

Portanto, fundamentamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), com os trabalhos de Maingueneau (2008b, 2008c, 2013), o qual possui, entre os analistas de discurso franceses, a mais sólida formação de linguista (POSSENTI, 2009). Partimos de uma concepção de *ethos* que “desenha” a projeção de imagem do enunciador a partir de marcas linguísticas expostas na superfície discursiva, isto é, na própria enunciação.

Lembramos, nas palavras de Maingueneau (2008c, 2013), que a AD analisa textos, objetos essencialmente linguísticos, embora materializados em outras semioses. O arcabouço aqui evocado propõe ler o discurso a partir de aspectos do texto; focalizar o discurso em sua efetiva materialidade.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* selecionado compreende edições publicadas pela revista *Capricho*³. Situamos esse produto midiático nos domínios do discurso de autoajuda para adolescentes (FERREIRA, 2015; FURLAN, 2013; NUNES; 2009; FISCHER, 1996), uma vez

3 Produto da Editora Abril, a revista *Capricho* “encontra-se em um espaço discursivo de interseção entre o feminino e o jovem”, escrevendo sobre temas que “chamam atenção desse público específico” (moda, beleza, comportamento, música, sexo, horóscopo) (FRANÇA, 2013, p. 93). Segundo Scalzo (2011), a revista *Capricho* detém a posição de principal publicação brasileira destinada a adolescentes.

que recorre a recursos e estratégias argumentativas que orientam leitores adolescentes a como relacionar-se consigo, com o corpo, a sexualidade, a família e o próprio futuro. Coletamos, aleatoriamente, três edições sequenciais publicadas entre janeiro e março de 2015: edições 1206, 1207 e 1208. Compõem a nossa análise textos cuja cenografia⁴ é claramente de autoajuda. Dessa forma, as seções de música e celebridade não foram focadas, enquanto as de comportamento, horóscopo, beleza, sexo, moda e teste reclamaram nosso olhar.



Figura 1 – Capa das edições 1206, 1207 e 1208.

Fonte: Revista *Capricho*

Como categorias de análise, elegemos modalidade linguística e marcadores conversacionais. A escolha segue os critérios de regularidade, em virtude da recorrência de certas estruturas linguísticas no texto; e produtividade, em termos de discussão e reflexões teóricas tanto para o campo da AD quanto para pesquisas que investigam o funcionamento do discurso de autoajuda para adolescentes.

Discussão teórica

Nesta seção, apresentamos as nossas bases teóricas sobre discurso, a fim de refletir sobre os seus modos de funcionamento. Situamos as discussões na perspectiva

⁴ Para Maingueneau (2008b), a cenografia representa a cena de fala que configura certo discurso; é demandada pelo próprio texto. A cenografia de uma notícia pode ser cômica, dramática, interativa, didática. Cada gênero constrói cenografias distintas. Há certos gêneros, porém, que não possuem cenografias, já que dispõem de formas fixas de organização – portaria administrativa, bula, atestado de óbito.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

enunciativo-discursiva desenvolvida por Maingueneau, para quem a natureza textual dos discursos é crucial. Lembramos, nos dizeres de Possenti (2009, p. 54), que “[...] a AD propõe explicitamente que essas estruturas [textuais] são o lugar material em que se dão os processos discursivos (os efeitos de sentido)”.

Nossa visada sobre o discurso

Neste trabalho, analisamos o discurso de autoajuda para adolescentes sob uma perspectiva linguística⁵. Isso significa que o nosso foco está nos modos de dizer, nas formas de construção do texto, na tessitura do discurso. Entendemos que as formas de construção textual são antes escolhas estratégicas do que simples registros linguísticos.

A princípio, esse tipo de enfoque estaria relacionado ao núcleo “rígido” do campo da linguística, que privilegia o estudo da língua, no sentido saussuriano, em propriedades formais (MAINGUENEAU, 1997). A análise linguística aqui proposta, no entanto, não se esgota na descrição de elementos de ordem gramatical, como se estes fossem independentes de uma formação maior, já que a linguagem é “a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais” (MAINGUENEAU, 1997, p. 12).

Essa dualidade da linguagem baliza as longas e tradicionais discussões acerca do tipo de análise a que se propõe a AD. Como bem pontua Maingueneau (1997), as atitudes oscilam em dois níveis: uma deseja desestabilizar o núcleo central, enquanto a outra sonha com uma língua autônoma de seus enunciadores e de todo peso social⁶.

Optamos pela linguística, uma vez que “os processos discursivos poderão ser apreendidos com maior eficácia, *considerando os interesses próprios à AD*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 17, grifos nossos). Isto é, os modos de dizer podem ser percebidos de maneira mais eficiente quando pensados no escopo próprio da linguística, que fornece substância conceitual e teórica para interpretá-los. Isso não quer dizer, todavia, que outros gestos de interpretação não sejam realizados – ou que este ou aquele gesto detenha um efeito de

5 Lembramos que o nosso recorte consiste em apenas um olhar sobre o discurso de autoajuda para adolescentes. Trata-se, na verdade, da nossa escolha epistemológica, definida a partir da pergunta a que pretendemos responder. Maingueneau (1997) já alertara que os analistas do discurso devem definir e delimitar seus espaços de investigação.

6 Maingueneau (1997) aponta que essa discussão reflete uma “situação de desequilíbrio perpétuo”, o que impede a AD de deixar o campo linguístico e de se delimitar numa escola ou ramo específico. Fiorin (2015) também entende essa classificação em dois grupos: os que investigam a organização interna do discurso e os que buscam a historicidade do texto.

verdade e se sobreponha a outro. Sobre isso, Fiorin (2015, p. 45) assevera: “[...] escolhemos uma teoria não em função de sua verdade, mas em razão do que pretendemos responder na nossa pesquisa”.

Com efeito, convém delinear como a AD se apropria do aparato teórico da linguística. Situamos nossa análise num cenário discursivo preestabelecido. Em outras palavras, descrever o funcionamento da linguagem de determinado discurso não contempla “os interesses próprios à AD”, uma vez que “o discurso possui sua própria ordem e é deste ponto de vista que é preciso avaliar o interesse dos aparelhos linguísticos de que se utiliza” (MAINGUENEAU, 1997, p. 18, grifos nossos).

Nessa citação, Maingueneau resume, com propriedade, qual o lugar da linguística nos estudos da AD. Tomar o discurso sob a visada linguística significa perceber os fenômenos da linguagem a partir de uma ordem discursiva específica, isto é, entender como determinado discurso, para encenar certas atitudes e/ou promover efeitos estratégicos, arquiteta a sua tessitura. Logo, uma análise linguística do discurso deve problematizar os usos referenciais da linguagem, tornando os registros linguísticos em gestos estratégicos de um sujeito atuante numa ordem discursiva situada – no nosso caso, um sujeito (jornalista, mas que encena atitudes de adolescente) enunciativo no campo da autoajuda para adolescentes.

Quando se propuseram a analisar, também linguisticamente, o discurso de autoajuda, Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2011) argumentaram que a discursividade atravessa a língua não em uma dimensão especial e única, mas num conjunto de fronteiras da linguística, em níveis inter-relacionados, de maneira que um mesmo registro pode mobilizar domínios da morfologia, da sintaxe e da semântica:

Como a discursividade atravessa a língua sem se limitar a nenhuma de suas dimensões em especial (a semântica, por exemplo), *cada discurso tem uma maneira própria de materializar-se, aproveitando de uma forma ou de outra os recursos de expressão*, o que, por sua vez, faz da análise discursiva uma análise não limitada pelas divisões internas da Linguística, nem dependente de uma ou outra de suas correntes. (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER; 2011, p. 14, grifos nossos).

Na mesma linha, Maingueneau (1997) reitera que “a” linguística que fornece os aparatos teóricos para a AD designa, na verdade, “as” linguísticas de campo, as quais serão mobilizadas a partir dos enfoques do analista. Estes enfoques são resultado de hipóteses formuladas pelo pesquisador, considerando: a) certo grau de conhecimento de seu *corpus*; e b) conhecimento das possibilidades oferecidas por um estudo de semelhantes fatos de linguagem.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

Esses dois elementos norteiam a escolha do pesquisador acerca da abordagem para o seu trabalho. Em nossa pesquisa, ao privilegiarmos o estudo linguístico do discurso de autoajuda para adolescentes, já verificamos, no contato inicial com o *corpus*, uma série de regularidades que reclamam um olhar específico. Como desejamos examinar a categoria modalidade linguística se realiza no *corpus*, esboçamos hipóteses para tal ocorrência – a hipótese de o discurso de autoajuda promover vontades de ser e dever.

***Ethos* discursivo**

O conceito de *ethos*, embora pertencente à tradição retórica⁷, é concebido neste trabalho no bojo de relações AD, retomando os trabalhos de Maingueneau (2008a, 2008b). Justificamos nosso recorte em virtude de tal autor situar seu conceito em um quadro de análise que privilegia gêneros⁸ discursivos “instituídos”, em oposição aos gêneros conversacionais. Interessam-lhe gêneros em que os sujeitos assumem papéis preestabelecidos, com certa estabilidade durante o evento comunicativo. Situação que compreende nosso objeto, a revista *Capricho*, na qual as posições de sujeito enunciador e sujeito enunciatário parecem não variar.

Entendemos *ethos* numa perspectiva ampla, como elemento constitutivo dos discursos, no sentido de estreitar (ou não) a relação entre os sujeitos envolvidos no processo de enunciação. Estreitar a relação significa promover um efeito de empatia, de adesão do coenunciador à posição discursiva assumida pelo enunciador quando da produção de seu discurso. Isso fica mais evidente em gêneros argumentativos, quando a adesão do coenunciador torna-se crucial para o funcionamento do gênero. Em outros gêneros, no entanto, a intencionalidade talvez não seja a de convencer, mas reivindicar, demanda, de alguma forma, uma atitude do destinatário.

Para Maingueneau (2008a), *ethos* designa a projeção de imagem do enunciador em seu próprio enunciado, sem que, explicitamente, fale sobre si. Trata-se de um conjunto de sentidos que são atribuídos a um enunciador a partir de seu enunciado: “[...] dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no ‘dito’. Sua eficácia

7 Maingueneau (2008b) argumenta que o *ethos* no campo retórico se refere à imagem de boa impressão que o orador deseja projetar de si para convencer o auditório a que se dirige. Nesse processo de convencimento, incluem-se, além dos argumentos propriamente ditos, o tom de voz, a escolha das palavras, os gestos, as mímicas, a postura, o olhar etc.

8 Não é nossa pretensão expor, exaustivamente, o conceito de “gênero do discurso”. Por isso, adotamos a orientação de Maingueneau (2013, p. 67), segundo o qual os gêneros de discurso correspondem “a dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”.

decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 70). Esse conceito desenvolve-se nas margens do dito, do “aparente” no enunciado.

Reforçamos que o *ethos discursivo* não se remete às características físicas ou comportamentais do enunciador (seus atributos “reais”), embora a elas esteja associado. Esse *ethos* mobiliza a exterioridade linguística a qual está constitutivamente na realidade intradiscursiva, nos modos de dizer. Maingueneau (2008b) chama a atenção para o fato de que, além do intradiscorso, outros elementos não verbais também interferem na construção do *ethos*. Em um texto escrito, por exemplo, a construção do *ethos* perpassa as bases do linguístico, como a escolha das palavras, a força dos argumentos, a organização do texto. O *ethos* permanece no intradiscorso. Já em um texto oral, além das bases linguísticas, elementos não verbais entram em cena, como mímica, tom de voz, vestimenta, postura, aparência do locutor.

Maingueneau (2008a) relaciona a projeção do “corpo do enunciador” – sem relação com o corpo do locutor extradiscursivo – a um *fiador*, aquele que, pelo *tom* de seu discurso, produz uma imagem em função das representações coletivas. Daí são atribuídos ao fiador um *caráter* e uma *corporalidade*, os quais oscilam conforme os textos em que esse fiador aparece. Nesse cenário, o destinatário avalia o *comportamento* do enunciador, “apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 65).

O discurso de autoajuda para adolescentes

No campo da Psicologia, o discurso de autoajuda se constitui como um conjunto de ideias que orientam os leitores em relação à descoberta, ao cultivo e ao emprego de seus “recursos interiores para a realização de todos os seus desejos e sonhos” (CHAGAS, 2002, p. 85).

Ao classificar a literatura de autoajuda, o pesquisador Arnaldo Chagas (2002, p. 89) utiliza a orientação de Tania Salem (1992), que a organiza em duas vertentes: a) vertente psicológica: os livros abrangem conceitos da Psicologia e da Psicanálise, propondo “soluções” e “alternativas” para o homem conviver em sociedade; destacam-se as temáticas sobre amizade, relacionamento, temperamento, qualidade, defeitos, dificuldades, superação, autoestima; b) vertente esotérica: estimula as potencialidades

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

mentais, o aperfeiçoamento espiritual do sujeito, visando à paz e ao equilíbrio. A ideia é ensinar o leitor a potencializar os poderes da mente.

Segundo Chagas (2002, p. 91), os chamados manuais “mentalistas” se fundamentavam nas crenças da filosofia espiritual e na sabedoria oculta das sociedades antigas. Acrescentavam, também, elementos extraídos das religiões, da tradição esotérica e da psicologia subliminar do eu. Eles constroem “receitas” para cultivo e aprimoramento das faculdades mentais, apresentando técnicas que permitem a aplicação prática na vida. A função da literatura de autoajuda está na solução de problemas individuais. Segundo Rüdiger (1996), essa literatura trabalha com remédios supramorais, que “tratam” as preocupações do indivíduo em relação à percepção social de um conflito ligado à própria personalidade.

Pensar o discurso de autoajuda para adolescentes sob essa perspectiva significa problematizar a natureza do enunciatário adolescente na cena enunciativa para ele elaborada. Entram em jogo as especificidades dessa fase da experiência humana que constitui um período de transição, transformação biológica, psicológica e sociocultural. Esse momento de transição carrega um conjunto de elementos temáticos que vão construir o fio do discurso, como, por exemplo, sentimento de incompletude, crise de identidade e necessidade de aceitação; envolvendo também, segundo Fornari e Souza (2001), estratégias argumentativas específicas: textos narrados em primeira pessoa, história de vida em que o sujeito relata a descoberta de suas forças mais íntimas e a maneira como as empregou para superar seus problemas individuais.

Na Figura 2, por exemplo, o subtítulo já antecipa se tratar de um texto formulado com cenografia de autoajuda: uma personagem é convidada para relatar um caso de superação. Trata-se de uma estratégia do discurso de autoajuda em apresentar um *role model* para os leitores, de modo a influenciar seus comportamentos e, de certa forma, balizar o poder argumentativo desse discurso.



Figura 2 – Reportagem da editoria *Na Real*
Fonte: Revista *Capricho* (ed. 1207, 2015, p. 86)

Ao se direcionar para leitores adolescentes, o discurso de autoajuda se modela e resgata, portanto, uma série de sentidos já socialmente construídos sobre a adolescência, que se configura, sobretudo, como “uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade” (BOCK, 2007, p. 64). De um lado, estão os conflitos relacionados a uma crise existencial; do outro, os relacionados ao amadurecimento do corpo. A fase da adolescência relaciona “problemas” que partem do desenvolvimento biológico e chegam ao nível existencial, criando redes de crise identitária bastante frequentes e intensas.

Não entendemos *crise* numa acepção pejorativa, como estado de distúrbio ou de doença, mas como um momento de decisão, de escolha, em que o indivíduo precisa optar por uma ou outra direção. Trata-se, na verdade, de uma situação de disputa, de tensão, de conflito, que mobiliza, segundo Erik Erikson (1976), recursos de crescimento, recuperação e diferenciação. Enquanto *crise de identidade* designa, segundo o mesmo autor, a perda da noção de identidade pessoal e de continuidade histórica, isto é, perda do controle sobre si próprio, potencializada ainda mais na fase da adolescência.

Por isso, quando especificamos o público para o qual esse discurso se dirige, defendemos o argumento de que todo discurso é orientado (MAINGUENEAU, 2013). Não

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

há discurso sem endereçamento, mesmo que o enunciatário seja imaginário, virtual ou indefinido. Ainda que de forma imaginária, o sujeito cria projeções de seu enunciatário, arquitetando o discurso conforme um conjunto de expectativas que julga decisivo para criar nele algum efeito.

Análise do *corpus* e discussão dos resultados

Nesta seção, procedemos à análise do *corpus*, a fim de examinar como as manobras linguísticas da superfície discursiva favorecem a constituição do *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes materializado na revista *Capricho*. Organizamos a análise e a discussão dos dados conforme as orientações metodológicas de Maingueneau (1997, p. 20), segundo o qual toda pesquisa em AD supõe duas etapas: “inicialmente, a exposição dos conceitos linguísticos; a seguir, a explicação da forma como a AD pode explorá-los”.

Modalidade linguística

Ao eleger a categoria modalidade para a análise do nosso *corpus*, pretendemos verificar como se manifesta a relação de certeza ou de dúvida do enunciador sobre o seu enunciado. O nosso interesse é perceber se o discurso de autoajuda para adolescentes manifesta graus de certeza sobre aquilo que diz.

O conceito de modalidade não tem bases consensuais bem definidas. Por isso, nosso estudo fundamenta-se nas acepções propostas por Neves (2011, 2002), Brunelli (2004) e Brunelli e Dall’Aglío-Hattner (2011), que focalizam a natureza estrutural (a forma linguística) e os efeitos de sentidos que se realizam no processo de comunicação.

Nessa perspectiva, por modalidade entendemos um conjunto de relações entre enunciador, enunciado e realidade objetiva, em que o enunciador demarca, de algum modo, termos de verdade e certos graus de certeza no que expressa (NEVES, 2011). Em outras palavras, é possível perceber em enunciados o modo de relação do enunciador sobre o estado das coisas, ou o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeiro o enunciado por ele expresso.

Interessa-nos a noção de modalidade relacionada à expressão de necessidade e de possibilidade, isso em virtude do propósito do discurso de autoajuda, que se organiza no campo do aconselhamento – e, em consequência, impõe necessidades e possibilidades de ser/fazer algo. Tal justificativa também foi apontada por Brunelli (2004), que estudou livros do gênero. Na ocasião, a pesquisadora percebeu que a modalização

constituía elemento fundamental na composição do *ethos* do discurso de autoajuda, no qual o sujeito aconselhador precisava projetar uma imagem de quem domina o que diz.

Entendendo modalidade como expressão de possibilidade e necessidade, Brunelli (2004) elenca três tipos específicos:

- a) modalidade alética: refere-se ao mundo ontológico, refletindo uma escala lógica que vai do necessário ao impossível. Neves (2011) argumenta que esse tipo de modalidade é pouco produtivo nos estudos linguísticos, já que o comprometimento da modalização alética com a verdade está relacionado a mundos possíveis;
- b) modalidade epistêmica: relaciona-se com a necessidade e a possibilidade epistêmicas; refere-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado das coisas;
- c) modalidade deôntica: está relacionada “aos valores de permissão, obrigação e volição” (NEVES, 2002, p. 180). Ela se realiza por traços ligados ao enunciador, que demonstra ter ou não controle do que diz, e ao enunciatário, que pode aceitar ou não o valor de verdade do enunciado para executá-lo.

Em nossa análise, privilegiamos as modalidades deôntica e epistêmica, pois, conforme orienta Neves (2002, p. 180-181), elas constituem a modalização linguística *stricto sensu*, ou seja, “a modalização ocorrente e analisável nos enunciados efetivamente produzidos”.

Deôntica

Como dito, a modalidade deôntica relaciona-se aos valores de permissão, obrigação e volição (NEVES, 2002). Realiza-se por traços ligados ao enunciador, que demonstra ter ou não controle do que diz, e ao enunciatário, que pode aceitar ou não o valor de verdade do enunciado para executá-lo. Trata-se da instauração de deveres, de eixos de conduta, os quais são orientados de duas maneiras:

- a. para o participante:

(1) Este tende a ser um mês bafônico no seu círculo de amizades. *Procure não se envolver* em problemas que não são seus para não se complicar. No amor, pode ser que role algo com um amigo, mas só *invista* se achar que realmente vale a pena. O novo trânsito planetário fará com que você descubra sua verdadeira vocação. Yay! No começo do ano, *proveite para tomar sol, fazer* uma trilha e *curtir* a natureza (CAPRICHIO, ed. 1206, 2015, p. 97, grifos nossos).

(2) Sabe o que é mais incrível do que ter muitos seguidores? Ter amigos de verdade na vida real. Pra isso, você *não precisa sair* por aí

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

dizendo “sdv” ou “troco elogios”. É só encontrar pessoas que possuam algo em comum com você. Como fazer isso? *Vá* a lugares que tenham a ver com o que você gosta. Curte música? *Busque* algum show legal ou *entre* num curso para finalmente aprender a trocar violão. Adora ler? *Compre* um livro e *fique* de boqueira na livraria batendo papo com desconhecidos. Tenho certeza de que você vai sair de lá com ótimas indicações... (CAPRICHIO, ed. 1206, 2015, p. 102, grifos nossos).

(3) Ano novo, vida nova, leonina. Este é o momento para dar aquela organizada nas coisas e se desapegar das velharias – velhos pensamentos, sentimentos antigos e quinquilharias. *Vamos renovar* as energias e começar o ano com o pé direito! No novo trânsito dos planetas, chegou a hora de dizer adeus àquela relação que não tem mais nada a ver ou então ativar de vez aquela paixão que vai te levar para novas aventuras (CAPRICHIO, ed. 1206, 2015, p. 96, grifos nossos).

Em (1), (2) e (3), o sujeito enunciatador se utiliza de qualificadores deônticos para imprimir um efeito de autoridade ao que diz. Esses qualificadores “funcionam sempre como instrumentos à disposição do enunciatador para impor vontades sobre o enunciatário” (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011, p. 22). De forma explícita, estão orientados, pois, ao participante, regulando-lhes o comportamento por meio de ordens e proibições.

Nos enunciados em destaque, a modalização deôntica se estabelece por meio de verbos auxiliares (“*precisa sair*”, “*procure não se envolver*”, “*proveite* para tomar sol, fazer uma trilha e curtir a natureza”) e de verbos no imperativo, como destacado em (2) e na Figura 3, cujos enunciados negritados – que encabeçam os conselhos da revista para adolescentes que estão em processo de mudança de escola – têm sua força deôntica modalizada por esse modo verbal.



Figura 3 – Reportagem sobre mudança de escola
Fonte: Revista *Capricho* (ed. 1207, 2015, p. 72)

Essas construções também contribuem para a manifestação de certeza, caracterizando o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes, no qual o sujeito aconselhador precisa projetar uma imagem de quem domina o que diz:

Como se trata de uma questão de acreditar, de não duvidar, entendemos que os autores de auto-ajuda, enquanto sujeitos desse discurso, também devem manifestar em seus textos, com relação às teses que propõem, essa mesma crença/confiança que pregam para os seus leitores. Além disso, se as teses que apresentam são verdadeiras, se as fórmulas e orientações propostas efetivamente funcionam e se tudo é realmente uma questão de acreditar, então a incerteza e a dúvida devem mesmo ser manifestações excluídas e ou rejeitadas nos textos desse discurso (BRUNELLI, 2004, p. 8, grifos nossos).

Além disso, em (3), visando atenuar seu papel de fonte instauradora da obrigação, o sujeito enunciador se inclui no enunciado: “Vamos renovar as energias e começar o ano com o pé direito!”. Tal opção configura clara estratégia de envolvimento, de aproximação

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

com o participante. Não se trata de impor uma obrigação a alguém, mas de se incluir no grupo dos que necessitam de um conselho⁹. Há uma neutralização momentânea da posição hierarquicamente superior da fonte deôntica (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011).

b. para o evento:

(4) [...] O aborto, por outro lado, também vem com uma bagagem pesada. [...] A sexualidade também fica em conflito: rolam vergonha e culpa quando há intimidade com um cara se a experiência do aborto ainda não foi adequadamente resolvida. É necessário tratamento psicológico para encarar essa história. E é fundamental que *a garota* não esteja sozinha. *Desabafar* com alguém, como fez a Gabi, é o começo desse caminho. (CAPRICHIO, ed. 1208, 2015, p. 81, grifos nossos).

(5) É preciso ser madura e ter coragem para assumir que outra pessoa é melhor do que você em alguns aspectos. Ainda mais na adolescência, quando tanta pressão faz o cabelo da garota ao lado parecer sempre mais brilhante que o seu. Para que você não vire uma amiga tóxica e tente diminuir os outros para se sentir melhor, tente se esquecer das qualidades da sua amiga. (CAPRICHIO, ed. 1208, 2015, p. 84).

(6) Capricórnio em quadratura com Urano e Áries poderá trazer alguns desafios nos seus relacionamentos. *Será preciso* ter maturidade para não se arrepender de brigas bobas depois, ok? Na balada, seja responsável e não exagere. Há risco de surpresas, por isso é bom se cuidar. (CAPRICHIO, ed. 1206, 2015, p. 96).

Em (4), (5) e (6), os valores deônticos não estão focalizados diretamente no enunciatário. O sujeito enunciatário expressa a manifestação de dever a partir de adjetivos em posição predicativa (é necessário, é preciso, é bom) recaindo o potencial deôntico sobre o evento. Assim como os adjetivos, os verbos no infinitivo (“*Desabafar* com alguém...”) e a categorização do enunciatário (“é fundamental que *a garota* não esteja sozinha”) suavizam o caráter de obrigação dos enunciados, atribuindo-lhes um efeito de impessoalidade, quando, na verdade, a instauração de dever permanece demarcada, porém com mecanismos de atenuação. A modalidade deôntica orientada para o evento tenta apagar, portanto, o valor de imposição dos enunciados, “o que reforça o seu

⁹ Se o sujeito enunciatário desejasse construir um enunciado deonticamente mais forte, retirando o “eu” da enunciação e dirigindo-se somente ao “tu”, caberia eliminar a forma verbal “vamos” e realinhar os verbos ao modo imperativo: “Renove as energias e comece o ano com o pé direito!”. Certamente, o efeito não seria o mesmo, uma vez que as manobras linguísticas encerram efeitos de sentido diferentes, com graus de envolvimento do participante também diferentes.

caráter persuasivo e lhe imprime um tom mais didático e menos autoritário” (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011, p. 25).

Epistêmica

A modalidade epistêmica relaciona-se com a necessidade e a possibilidade epistêmicas; refere-se ao eixo da crença; “envolve os seguintes conceitos: certo, provável, contestável e excluído” (BRUNELLI, 2004, p. 14). Trata-se de o enunciador revelar o grau de possibilidade de determinado evento acontecer, podendo ou não expressar comprometimento em relação ao conteúdo do enunciado. Ocorre também de duas formas:

a. para o evento:

(7) Este mês, você estará ainda mais bonita, extrovertida e a fim de correr atrás dos seus sonhos. Isso *pode* significar tanto planejar um intercâmbio como conquistar o garoto de quem você gosta. O aspecto tenso dos astros neste período *pode* afetar um pouco seus relacionamentos, mas sendo sincera tudo vai dar certo. Sua mente estará dispersa na escola, mas tente manter o foco (CAPRICHIO, ed. 1208, 2015, p. 102, grifos nossos).

(8) Esta volta às aulas *poderá* ter um significado diferente para as librianas. Você estará dedicada, a fim de se preparar para o vestibular, para um intercâmbio ou para expandir seus horizontes. Se joga! Com a entrada de Vênus em peixes, é provável que você conheça alguém que chegue para balançar sua vida amorosa. O clima de sedução *pode* deixar seus dias mágicos e misteriosos. Só tome cuidado para não ficar com a cabeça na lua! (CAPRICHIO, ed. 1207, 2015, p. 95, grifos nossos).

Em (7) e (8), os modais epistêmicos estão orientados para a possibilidade de um evento ocorrer. Neles o sujeito enunciador arquiteta possíveis cenários, traça exemplos que balizam o poder argumentativo de seus enunciados. Isso promove um efeito de distanciamento, pois condiciona ao próprio evento a probabilidade de este ocorrer, e não ao juízo de valor do sujeito enunciador. Gera também um efeito de dúvida ao dito, não comprometendo, porém, o caráter de autoridade do discurso de autoajuda, como bem argumentam Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2011, p. 25): “[...] embora as ocorrências em questão sejam manifestações de possibilidade, elas não se apresentam como manifestações de incerteza do sujeito enunciador em si, que se esquia desse comprometimento [...]”.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

O modal *pode* é recorrente, corroborando o argumento de que os eventos estão no plano da possibilidade. Trata-se de não conferir um tom taxativo a eventos que designam situações hipotéticas as quais os adolescentes podem vivenciar. O efeito de incerteza, também demarcado em (8) pelo adjetivo *provável* em posição predicativa, não está sobre o enunciado (o conteúdo em si), mas sobre as situações que envolvem os enunciatários. Dessa forma, o sujeito enunciatário parece não emitir um juízo de valor em seus enunciados, esquivando-se de possíveis comprometimentos em relação às avaliações/conselhos que propõe, ou seja, a manifestação de possibilidade o isenta da responsabilidade pelos eventos que narra. Essa constatação também foi verificada por Furlan (2013, p. 53):

[...] nota-se que as teses apresentadas são acompanhadas de vários exemplos, o que pode justificar a grande ocorrência de modais epistêmicos. Os enunciatários, ao reafirmarem suas teses sobre a adolescência, utilizam-se de inúmeros exemplos para ilustrarem as razões que as embasam. Esses exemplos, por sua vez, representam possibilidades de situações que um adolescente pode vivenciar, portanto, justifica-se a alta frequência desse tipo de modal [...].

b. para a proposição:

(9) O garoto de peixes: ele estará supersedutor, mas nem tudo que o pisciano diz é o que ele faz, viu? *Na verdade*, ele não sabe bem o que quer e vai atirar para todos os lados, por isso vá com calma (CAPRICHIO, ed. 1208, 2015, p. 103, grifo nosso).

(10) Por que você não confia no seu potencial? Acha que está faltando algo em si mesma para despertar o interesse exclusivo dele? Para tudo, gata! Pense: foi o seu jeito de ser que atraiu o menino e fez vocês começarem a namorar. Mas, se a insegurança tem a ver com a forma como ele está te tratando, então a questão é entender os motivos dele. E aí não *necessariamente* serão razões relacionadas somente a você... (CAPRICHIO, ed. 1208, 2015, p. 88, grifo nosso).

(11) Você precisará de força e energia para enfrentar essa maré de confusões, mas tudo tende a ser animado. Pode ser que você perceba mudanças nas amizades, como gente nova chegando ou alguns amigos saindo de sua vida. É que você está mudando! Sem neura, porque é um processo natural. Nesse meio-tempo, *quem sabe* conhece alguém interessante, né? (CAPRICHIO, ed. 1208, 2015, p. 103, grifos nossos).

Já em (9) e (10) a qualificação epistêmica recai sobre a proposição, revelando graus de envolvimento do sujeito enunciador com o enunciado. Os modalizadores adverbiais *necessariamente* e *na verdade*, embora relacionados à certeza, parecem não revelar um enunciador completamente convicto do que diz, assim como a expressão indefinida *quem sabe*, em (11). No contrato de comunicação firmado nesse plano, o eixo da *dúvida*, mesmo em situações de possibilidade, reveste-se de valores de verdade em virtude do *ethos* do discurso de autoajuda, que manifesta potenciais efeitos de certeza. Em outras palavras, o tom de autoajuda encenado pela revista *Capricho* constrói um *ethos* de certeza/verdade tão forte que até o efeito de possibilidade se reconfigura num sujeito enunciador bastante convicto do que diz.

Marcadores conversacionais

Situamos os marcadores conversacionais (MC, doravante) nos trabalhos de Marcuschi (2003), que os define como elementos do texto conversacional que operam tanto no nível comunicativo (no fluxo da comunicação) quanto na organização sintática (na disposição estrutural das informações). Pensamos nessa categoria analítica em virtude de o texto da revista *Capricho* apresentar-se repleto de marcas de oralidade, isto é, um texto muito próximo à fala. E isso designa mais do que processos de construção textual. Denota estratégias que visam promover efeitos de empatia entre enunciador jornalista e enunciatário adolescente. Como consequência, as “barreiras” entre esses sujeitos da enunciação se tornam menos rígidas e mais difusas.

O nosso *corpus* apresenta uma produtiva série de MC, especialmente aqueles que Marcuschi (2003) classifica como sendo do tipo recursos verbais¹⁰: os sinais pré-posicionados e pós-posicionados.

- a. sinais pré-posicionados: são utilizados no início do turno ou da unidade comunicativa. Normalmente, eles demarcam o turno de fala do enunciador ou o encadeamento do tópico tratado.

¹⁰ Marcuschi (2003) argumenta que os marcadores conversacionais se estruturam em recursos verbais (por expressões linguísticas), recursos não verbais (olhar, riso, gesticulação) e suprasegmentais (pausas e tom de voz). Como nosso material de análise pertence ao suporte impresso, privilegiamos os recursos verbais.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

(12) *Ok*, o maior medo que a mudança traz é o de se afastar demais e perder de vez os velhos amigos. Mas calma. Sempre dá para criar oportunidades para aproveitar um tempo juntos. E todo encontro terá aquele reforço gostoso de saudade! Mantenha a proximidade da galera dividindo suas histórias do dia a dia pelo Face ou WhatsApp. ;) (CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 71, grifo nosso).

(13) A sua *bff* do ano passado pode, de repente, não ter mais nada a ver com você. Parece bizarro, mas acontece. Todo mundo muda nessa idade. E você pode ter mudado! É como ler tuítes antigos seus e ficar com vergonha... *Aí*, mesmo, com tanta coisa em comum no passado, você e sua *parça* se afastam no presente. Nesse caso, é preciso saber dar um tempo, sem magoar ou ficar magoada. E torcer por vocês se reencontrarem já, já (CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 83, grifo nosso).

(14) *Sim!* A maioria dos meninos confessa que já gostou de duas garotas ao mesmo tempo. Principalmente quando o caso ainda não é sério. É papo com uma aqui, outra ali e... rola um sentimento por ambas. Mas sempre tem uma que chama mais atenção deles. Seja pela conversa, seja pelo estilo. (CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 85, grifo nosso).

(15) Se você não é a única nesse rolo, pode ser difícil decidir entre investir no garoto e partir para outra. Um garoto que dedica bastante tempo a você e demonstra carinho em público pode valer a pena! Do contrário, não. *Ah*, e se você está envolvida demais, abra logo o jogo com ele. Assim, você terá uma resposta definitiva. (CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 85, grifo nosso).

Nos exemplos acima, os marcadores conversacionais em itálico representam sinais pré-posicionados, isto é, recursos linguísticos que iniciam o turno de fala (neste caso, o parágrafo) ou favorecem a progressão dos tópicos tratados (função de sequência textual). Para além dessas funções, os marcadores promovem determinados efeitos de sentido, sobretudo relacionados à interação verbal. Nesse aspecto, dialogamos com os trabalhos de Guerra (2007) e Furlan (2013), que, apesar de utilizarem o termo *marcadores discursivos*, estudam elementos de natureza semelhante aos que abordamos aqui.

Em (12), *ok* assume função clara de reforçar a interação. Em termos de conversação, há o efeito de encenação de que algo já foi dito antes, num turno de fala anterior. Esse MC resgata um saber compartilhado entre os enunciadores: no referido enunciado, trata-se do sentimento de insegurança, característico da situação de mudança, a qual também perpassa o receio de se perderem os laços de amizade construídos durante a adolescência (ERICKSON, 1976). Guerra (2007) atribui a esse marcador função de sequenciamento interativo do tipo iniciador. Ele reforça o *ethos* de espontaneidade do discurso de autoajuda direcionado a adolescentes, construindo uma cena de intimidade,

típica de relação afetiva de amizade. Os MC favorecem a construção de uma cena enunciativa mais descontraída, cujo texto parece estar mais próximo da fala do que da escrita. Trata-se claramente de uma estratégia discursiva empregada por um sujeito que conhece o funcionamento do contrato de comunicação aí vigente.

O mesmo parece acontecer em (14), quando o enunciador inicia seu turno de fala com *sim*. Esse MC sinaliza, novamente, um interdiscurso relacionado à adolescência – fase em que há potencial interesse por relacionamentos, ainda mais num período de descoberta da sexualidade (ERICKSON, 1976). Ao utilizar *sim*, o sujeito enunciador projeta a imagem de quem conhece muito bem essa fase, antecipando, de imediato, que o tópico de que irá tratar é decisivo para a adolescente. O MC *sim* fortalece o *ethos* de certeza encenado pelo discurso de autoajuda para adolescente, cujo sujeito enunciador manifesta autoridade para enunciar.

Em (13), o MC *aí* desempenha função essencialmente textual. Como se trata de uma narrativa de autoajuda, a ideia é torná-la mais “fluente” possível, isto é, a narrativa se constrói de modo semelhante às narrativas orais (a conversação), cujos operadores coesivos se diferem em parte dos operadores do texto escrito. Assim como em (12), o MC denota um efeito de espontaneidade, porém mais relacionado à progressão dos enunciados.

Fávero, Andrade e Aquino (2012) já haviam alertado sobre essa natureza coesiva dos marcadores conversacionais. Além de permitir o desenvolvimento continuado do discurso (sequência linear), eles também operam na sistematização hierárquica do texto – na organização dos supertópicos, tópicos e subtópicos tratados durante a elaboração do texto falado/escrito:

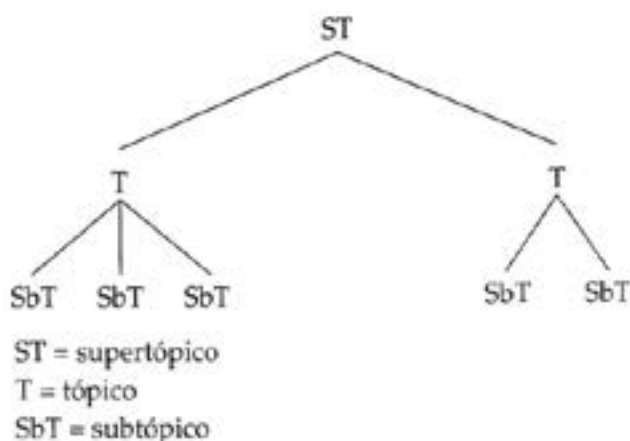


Figura 4 – Sistematização do tópico discursivo

Fonte: Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 42)

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

Em (15), observamos o MC *ah*. Esse uso potencializa ainda mais o efeito de que o texto possui mais traços da língua falada do que da língua escrita. Isso porque *ah* reflete um efeito de hesitação: é como se o sujeito enunciator se esquecesse de mencionar algo e, ao lembrar, recupera o turno para tratar do tópico “esquecido”. A hesitação é característica determinante do texto falado informal. De acordo com Marcuschi (2003), a hesitação representa alguma dificuldade cognitivo-verbal enfrentada durante o processo de interlocução. Assim, o enunciator para o tópico em andamento, reformula o pensamento e reconstrói o seu texto falado: “há uma interrupção no fluxo informacional devido a uma má seleção futura, resultando em um enunciado ainda não concluído” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 60).

No texto escrito, a hesitação pode ser suprimida com a simples reescrita do texto, sem que isso seja perceptível. No enunciado (15), o sujeito enunciator faz questão de demonstrá-la, a fim de reforçar o efeito de espontaneidade exigido pelo contrato de comunicação estabelecido na/pela revista *Capricho*.

- b. sinais pós-posicionados: Marcuschi (2003, p. 68) orienta que os sinais pós-posicionados estão situados no final do turno de fala ou na conclusão de um subtópico.

(16) O garoto de Peixes: ele estará supersedutor, mas nem tudo que o pisciano diz é o que ele faz, *viu?* Na verdade, ele não sabe o que quer e vai atirar para todos os lados, por isso vá com calma. (CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 103, grifo nosso).

(17) K., querida, toda mulher tem pontos fortes e fracos – eu, você, a Jennifer Lawrence. Beleza tem muito a ver com sentir-se bem consigo mesma (justamente o que você tanto procura!). Eu mesma demorei anos para entender que as pessoas nos veem como a gente se vê. Se você fosse vender uma blusa, iria expô-la bem linda na vitrine, falar que é a última tendência da moda, seduzir a compradora, *certo?* Senão, quem iria comprar? Por isso vamos lidar com quem está aí dentro. Porque, quando você sentir que é linda, você será! (CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 89, grifo nosso).

(18) Este é um momento de mudanças e acontecimentos inusitados, aquariana. Você precisará de força e energia para enfrentar essa maré de confusões, mas tudo tende a ser animado. Pode ser que você perceba mudanças nas amizades, como gente nova chegando ou alguns amigos saindo de sua vida. É que você está mudando! Sem neura, porque é um processo natural. Nesse meio-tempo, quem sabe conhece alguém interessante, *né?* (CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 103, grifo nosso).

(19) Sobre o drama da primeira vez, K., primeiro quero dizer que não é a idade que importa, e sim o seu *timing*. Se você quer mesmo transar, lembre-se, na hora de tirar a roupa, de que o garoto não está vivendo essa neura com você. Ele a enxerga e está a fim! Fora que os meninos se atraem pelo conjunto da obra: corpo, personalidade, energia... Para o cara, vale mais uma garota divertida e cheia de confiança no próprio charme, porque ela o seduz. Então, quando bater a vontade, arrisque! Melhor do que sofrer depois por não tentado. *Ok?* (CAPRICHÔ, ed. 1207, 2015, p. 89, grifo nosso).

Nos exemplos acima, encontramos MC com duas funções específicas: *feedback* e *checking*, ambas voltadas à interação. Os marcadores com função de *feedback* “expressam uma nítida orientação por parte do ouvinte em relação ao falante, através da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro” (GUERRA, 2007, p. 62). Já os com função de *checking* “expressam nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, através da busca de uma aprovação discursiva” (GUERRA, 2007, p. 62). Em outras palavras, enquanto estes buscam uma aprovação em relação ao tópico tratado, aqueles estão orientados para o prosseguimento da conversação, para checar a atenção do interlocutor.

No enunciado (16), o MC *viu?* exerce a função de *feedback*, pois está mais orientado a perceber se o leitor está de fato acompanhando sua argumentação. Com ele o sujeito enunciador constrói uma cena clara de autoajuda, traçando conselhos amorosos de precaução à leitora da revista. O MC *viu?* aparece como sustentador do tópico tratado, uma espécie de “alerta” para o enunciatário adolescente, que deve ir “com calma”.

Em (17), (18) e (19) os MC *certo?*, *né* e *ok* desempenham a função de *checking*. No nosso *corpus*, marcadores com essa função aparecem com bastante regularidade, o que nos permite inferir que o sujeito enunciador da revista *Capricho* busca, constantemente, a aprovação do interlocutor em relação aos enunciados, sobretudo em relação às asserções de chegada (a tese). Eles correspondem a mais um elemento que constrói a cena de espontaneidade, de intimidade entre os sujeitos do contrato de comunicação. Isso fica evidente nas pistas linguísticas materializadas nos enunciados as quais revelam um sujeito menos jornalista e mais adolescente, percepção também defendida por Mira (2001, p. 78), segundo a qual a revista passa a ocupar o lugar de irmã ou amiga da leitora, “conversando sobre os seus problemas mais íntimos”.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

Considerações finais

Ao privilegiarmos o estudo da materialidade linguística na análise do discurso de autoajuda para adolescentes, refutamos qualquer ideia que pressuponha a adoção da linguística como efeito de cientificidade, ao passo que, nessa perspectiva, estar-se-ia fazendo uma explicação tradicional de textos, deveras distante do projeto teórico da AD. Do mesmo modo, refutamos a concepção de que a linguagem representa um simples suporte de transmissão de informação, quando, na verdade, ela media a relação entre sujeitos interlocutores, seus enunciados e seus referentes.

A análise das categorias modalidade linguística e marcadores conversacionais nos permitiu verificar que a manifestação de dever e ser constitui um traço característico desse discurso, cujo *ethos* reclama efeitos de autoridade, certeza e verdade naquilo que diz. Além disso, verificamos manobras linguísticas que atenuam o tom taxativo dos conselhos propostos, em busca do envolvimento com o enunciatário adolescente.

Constatamos, portanto, que o discurso de autoajuda para adolescente constrói uma cena mais espontânea, menos rígida, diferentemente do discurso de autoajuda tradicional, em que o sujeito enunciatário se posiciona como dono da verdade e do saber. Quando o enunciatário é um adolescente, a tessitura do discurso se modela de forma a atenuar o caráter de autoridade que é inerente aos textos de autoajuda.

E essa forma de atenuar se manifesta a partir de marcas linguísticas. Como consequência, o sujeito enunciatário encena ser “amigo” da adolescente, com quem pode conversar, sem restrições, sobre qualquer tema. Afinal, oferecer conselhos a esse público exige uma organização linguística mais apropriada para a assertividade da enunciação empreendida pelo sujeito enunciatário da revista *Capricho*.

Referências

ARANHA, M. B. R.; CARVALHO, C. C. “Pronta para brilhar muito, aquariana?”: o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes. **Fórum Linguístico (on-line)**, v. 12, p. 915-929, 2015.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. esc. educ.**, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007.

BRUNELLI, A. F. **O sucesso está em suas mãos**: análise do discurso de auto-ajuda. 2004. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRUNELLI, A. F.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As qualificações do saber, do dever e do poder: uma análise linguística do discurso de autoajuda. In: BARONAS, R. L.; MIOTELLO, V. (Org.). **Análise de discurso**: teorizações e métodos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

CHAGAS, A. T. S. das. **O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. da C. V. de O.; AQUINO, Z. G. O. de. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, O. da S. M. **Sujeitos de papel**: um estudo bakhtiniano acerca da construção de subjetividade promovida pela revista *Capricho*. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

FIORIN, J. L. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, R. (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015.

FISCHER, R. M. B. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividades. 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FORNARI, L. M. S.; SOUZA, E. C. de. As narrativas nos discursos de auto-ajuda. **Revista da FAEBA**, Salvador, n. 15, p. 133-141, jan./jun. 2001.

FRANÇA, R. O. Revista e referentes: a pensata na construção do mundo de cada publicação. In: TAVARES, F. de M. B.; SCHWAAB, R. (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?”: análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

FURLAN, M. M. **Cenas de enunciação e ethos discursivo**: análise do discurso de autoajuda para adolescentes. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013.

GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos marcadores discursivos**. 2007. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Fapesp, 2001.

NEVES, M. H. de M. Imprimir marcas no enunciado. In: _____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. v. VI: Desenvolvimentos. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

NUNES, S. H. C. **Discurso, ethos e revistas para adolescentes**: uma voz *pink*. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2009.

- | “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?": análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n. 1206, jan. 2015. 102 p.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n. 1207, fev. 2015. 98 p.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, n. 1208, mar. 2015. 106 p.

RÜDIGER, F. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: CARVALHO, Cláuberson Correa; ARANHA, Marize Barros Rocha. “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?": análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes. **Revista do GEL**, v. 15, n. 1, p. 195-219, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i1.1598>

Submetido em: 23/08/2016. | **Aceito em:** 05/12/2016.
